



TAXA PAGA  
PORTUGAL  
CONTRATO: 536425

CORREIO  
EDITORIAL  
AUTORIZADO A CIRCULAR  
EM INVÓLUCRO FECHADO  
DE PLÁSTICO OU PAPEL  
PODE ABIR-SE PARA  
VERIFICAÇÃO POSTAL  
DE00602013CE



# Gaiato

Quinzenário • 4 de Outubro de 2014 • Ano LXXI • N.º 1841 • Jornal de Distribuição Gratuita

Fundador: Padre Américo  
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Director: Padre Júlio  
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes

## DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

### Profetas

N<sup>O</sup> dia em que se faz Memória de S. Francisco de Assis, paramos para apreciar a importância que a sua vida teve para o mundo, desde o seu tempo até hoje e pelos tempos fora. Foi um membro da Igreja que fermentou e continua a fermentar, ao longo dos séculos, toda a humanidade. Do que é capaz uma só vida humana cheia de virtudes proféticas, mantendo-se sempre valiosa apesar das grandes mudanças que, na sua história, os homens vão realizando.

Nada é capaz de tornar obsoleta a vida e a mensagem deste servo fiel e íntimo de Cristo crucificado! Até o facto de o nosso Papa se rever e projectar a sua vida apostólica em Francisco de Assis, vem confirmar a actualidade e a urgência de se dar continuidade a este dom que o Santo de Assis recebeu e fez frutificar.

Enquanto nós, a cada passo, temos necessidade de procurar na Fonte da vida o discernimento para as opções a tomar na nossa, Francisco de Assis mergulhou nela, tornando a sua vida um reflexo permanente e visível dela.

Milhares e milhares seguiram este brilho. Também Pai Américo se enamorou das virtudes existenciais do Pobre de Assis, e quis fazer-se franciscano inserido na Família formal Franciscana. Mas para ele estava aberta uma outra maneira de ser franciscano, que foi.

Francisco recebeu o mandato de reconstruir a Igreja. Esta é uma missão essencialmente profética, a de conduzir os pensamentos e os sentimentos e as vidas ao essencial da génese de todas as coisas. A sua acção consiste em purificar a vida dos vícios e desvios que, com o tempo, se vão incrustando nela, desvirtuando-a. Nos que recebem esta luz, nasce o desejo de uma vida pura e sadia, que os torna felizes.

Em todas as vidas, e também na nossa, este processo deve ser continuamente procurado e levado à prática. A acção eclesial e social do nosso Papa é bem o exemplo desta necessidade e deste exercício. Se faz sofrer não nos admire, pois o vemos na vida do Profeta que é a Fonte de todo o rejuvenescimento, e na de todos os que receberam esse dom e missão, com S. Francisco de Assis, Pai Américo... e na vida de todos os profetas maiores e menores ao longo da história do Povo de Deus.

É um dom que não acaba e que à nossa Obra, particularmente, cabe viver, porque o recebeu no primeiro de todos nós, Pai Américo. E se ele encontrou obstáculos na sociedade do seu tempo, não admira que também nós os encontremos na do nosso. Mas importa valorizar mais o dom que a dificuldade em vivê-lo. □

## MOÇAMBIQUE

Padre Zé Maria

FALAR da nossa Casa não é fácil. Dos nossos Rapazes ainda menos. Da Casa, porque há tantas coisas importantes que se vão reorganizando que só quando tudo estiver, valerá a pena. Aqui, não há promessas, como andam a fazer os políticos. Há que esperar. Falar dos Rapazes, é entrar num mundo ainda para nós tão enevoado que é preciso que o sol se levante, para ficar tudo a descoberto e resplandecer. E como resplandecem alguns! Depois de vinte e três anos a lidar com eles, cada um tem o seu interior oculto e misterioso, e eles já são tantos que aqui passaram e cada um diferente! Assim, o que fazemos *por* eles é paralelo ao que fazemos *para* eles. Todos os dias, à noite, há

hora de queixas e correcção. Todos os dias são de trabalho para melhorar as condições em que vivemos. Claro que muito fica à espera de possibilidades. Maldito dinheiro que é estorvo na formação das crianças e na sustentabilidade das estruturas materiais, que no uso quotidiano se degradam. Graças a Deus que abrigam um organismo vivo — a Família desta Casa — e não correm o perigo de virar em museu, como as nossas Casas de Portugal — se o Governo não abrir os olhos para quantos, abnegadamente, lá vão gastando suas vidas heróicas, sem onerar num centímo o erário público, sempre queixoso de não ter cobertura para o Orçamento do Estado. E gasta rios de dinheiro em funcionários que assis-

tem às crianças, que a mobilidade programada não deixa tempo para serem verdadeiramente educadas, nem tão pouco para ganhar afectos a quem delas cuida.

Por nossa Casa, vamos pensando, sim, em reduzir o número para cem, das que podemos paternal e maternalmente educar. Angustia-nos ainda, e muito, a quase centena deles que estão fora a estudar e, até, a trabalhar sem um salário digno, mesmo nas grandes empresas que vêm aqui buscá-los, não digo à procura de mão-de-obra barata, mas de pessoas que, à partida, lhes sirvam. O pior é que calculam o salário pelas ganâncias e não pelo rendimento sacrificado de quem as serve. As rendas chegam ao absurdo de trezentos e quarenta euros, numa palhota. O resultado é a multiplicação

Continua na página 4



Uma vida pura e sadia, que os torna felizes

## BENGUELA

Padre Manuel António

### Sinais de esperança

QUEM ama, de verdade, não espera mais nada senão a felicidade da pessoa amada. Quem dera houvesse em nossas vidas, também, o dom gratuito, o amor recíproco, sem condições! Deste modo, nasceria um mundo mais feliz. Este projecto está ao nosso alcance. Há dias, um grande amigo da nossa Casa do Gaiato de Benguela deu conta das grandes aflições por que estamos a passar, devido à falta de meios económicos e financeiros que nos

permitam resolver alguns problemas importantes. Por sua iniciativa, está a pensar em ajudar a nossa Casa do Gaiato de Benguela. É um diálogo, ao nível do coração, que nasce dum encontro dos bens que possui, o amor recíproco sem condições. Quem ama, de verdade, não espera mais nada senão ver a pessoa amada a alegrar-se, feliz. A multidão de filhos abandonados que enchem a nossa Casa do Gaiato, que é a sua Casa de Família, vivem da esperança alimentada

pelo amor. Em nossas mãos não há outros tesouros além das suas vidas a crescer para serem homens dignos, verdadeiro tesouro da Nação. Este pensamento deve ocupar um lugar central em vossas vidas. Quem dera!

Como digo ao iniciar estas notas: Quem ama, de verdade, não espera mais nada senão a felicidade da pessoa amada. Assim acontece no nosso viver diário. Hoje, Domingo, regressou à nossa Casa do Gaiato um dos seus filhos que viveu fora, durante algum tempo,

por causa do seu comportamento péssimo. Está numa idade crucial: Ou aproveita agora ou cai na perdição para toda a sua vida. Teve a felicidade duma ajuda humana, da parte dum seu irmão mais velho, criado na Casa do Gaiato, já com sua família, enquanto esteve fora. O amor por este filho esteve sempre muito vivo, em nosso coração. Regressou, por amor, à sua Casa paterna, com a firme disposição de se manter equilibrado. Está feliz. A esperança da sua fidelidade ao amor que recebeu é alimentada pelo trabalho numa empresa, como estagiário, por iniciativa do Centro Profissional

Continua na página 3

# Pelas CASAS DO GAIATO

## PAÇO DE SOUSA

Fausto Casimiro

**RAPAZES NOVOS** — Chegaram dois irmãos novos à nossa Casa do Gaiato de Paço de Sousa. O mais velho chama-se Gonçalo e o mais novo Gustavo. Eles foram para a casa 4 de cima. Eles dão-se bem com os Rapazes, e todos somos amigos deles. Queremos que eles se adaptem bem à nossa Casa para se sentirem bem e à-vontade.

**VISITA** — Chegou um Padre do Brasil para vir conhecer a nossa Casa do Gaiato de Paço de Sousa. O seu nome é Padre Leo. Veio para ficar alguns dias connosco e para ver como nós vivemos. Ele disse que o Pai Américo é muito conhecido no Brasil e que as pessoas gostam muito do Gaiato. Ele nos disse que lá no Brasil, tem muitas crianças que precisavam de uma Casa do Gaiato e que, lá, tem uma terra chamada Paço de Sousa.

**ANTIGOS GAIATOS** — Vieram visitar a nossa Casa e o Padre Telmo, o Malamba com a esposa e a filha, e o André, todos eles gaiatos de Malanje. Eles trabalham em bancos angolanos. O Malamba também é professor numa universidade. Jogaram futebol connosco e foram conhecer a cidade do Porto. Eles gostaram de conhecer a nossa Casa e de nos vermos, pois já nos conhecíamos.

**PARQUE INFANTIL** — O Mendão, o Júlio e o Paulo «Mudo» estão a arranjar o parque, para que os nossos «Batatinhas», e as crianças que vêm de fora para nos virem conhecer e visitar, se divirtam muito no nosso parque infantil. Este parque é de todos nós e é bom todos termos cuidado com ele. Esperamos que quando estiver acabado, fique bonito. □

## FALANDO DE MIM



Eu sou o Germano, nasci em Luanda a 25 de Dezembro de 1998. Vim para a Casa do Gaiato em 2006 porque sou órfão de pai e mãe. Vim para Casa do Gaiato pelas mãos das Irmãs do Abrigo. Tenho um amigo muito simpático, chama-se Kelson, gosto muito dele. Frequento o 7º ano de escolaridade, tenho as tarefas da poda e da cozinha. Quando for grande, quero ser cozinheiro. Ando na Catequese e vou fazer a Confirmação. Sou aprendiz de piano. O meu desejo é animar os cânticos, aos Domingos, na nossa Capela. Gosto de jogar basquetebol. Agradeço a todos que me ajudaram a encontrar esta maravilhosa Família.

Germano

## ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS DE ÁFRICA

João Evangelista

**ENCONTRO ANUAL** — Há anos que não apareciam novos antigos gaiatos, sempre especiais, aos nossos encontros anuais. Este ano tivemos a presença de três antigos gaiatos de Malanje, a viver em Luanda e de férias no nosso País. Malamba e esposa, com seu bebé, o Abel e o André. Estes, e outros, irão ser distribuidores d'O GAIATO em Luanda: mensageiro predilecto da Obra da Rua ou Obra do Padre Américo. O que cada um de nós fizer de bem ao seu irmão, a Ele será feito. Daí o vosso dispor ao serviço dos irmãos que muito precisam da vossa ajuda, distribuindo o Jornal — que outrora, e ainda, é chamado: *Revolucionário...* de almas! Outro antigo, este de Benguela, que encontramos na *Granja dos Rapazes*, há cinquenta anos, aquando da nossa ida para África. O Júlio Pires de Sousa logo reparou qual o objectivo dos nossos encontros, contando várias peripécias e aventuras da sua juventude, lembrando nomes e apelidos... Logo surgiram gargalhadas que fizeram eco da boa disposição e da saudade.

Os organizadores primaram para que nada faltasse e assim foi. Para o próximo ano foram escolhidos o Quim «Peroselo» e a Sãozinha, que vão mostrar os seus dotes organizativos.

Esperamos que mais antigos gaiatos de África apareçam na nossa casa de férias de Azurara, no primeiro fim-de-semana de Setembro de 2015. Marca as tuas férias e aparece também nos nossos encontros. Vamos lembrando os que não têm aparecido por doença, esperando que tenham rápidas melhoras. Um abraço. □

## PENSAMENTO

Pai Américo

Senhor dos Céus, mandai para esta liça divina gente que queira trabalhar; que vá ver com seus olhos e apalpar com suas mãos como é a vida dos que moram nas traseiras das cidades, que as fachadas não dizem toda a verdade.

in *Pão dos Pobres*, vol. 1, p 157

## MIRANDA DO CORVO

Alunos do Alternativo

**AGROPECUÁRIA** — Houve vários dias de chuva e trovoadas. Os terrenos de baixa estão encharcados. As espigas de milho grão ainda não foram recolhidas no celeiro. As oliveiras têm muitas azeitonas nos ramos, mas vão caindo no chão. No nosso pomar, temos mais algumas árvores de fruto: pereira, pessegueiro e cerejeira. Está-se a continuar a sebe de arbustos do jardim dos azulejos da nossa Obra por detrás das oficinas. A 24 de Setembro, uma feirante de Condeixa deu-nos muitos pés de couve tronchuda, para plantarmos na nossa horta. Dois porcos e os restantes frangos têm mesmo de deixar a pocilga e o galinheiro.

**ESCOLAS** — Com o ano escolar já a rolar, é preciso que os Rapazes tenham cuidado com os livros e o material escolar e a disciplina nas aulas.

Tem-se procurado garantir o transporte até às várias escolas, em especial quando chove. Ao regressarem a Casa, todos fazem os seus trabalhos de casa; e depois vão para as várias tarefas da nossa Comunidade, ansiosos por uns chutos na bola a seguir à merenda.

**DESPORTO** — Recomeçaram os treinos da temporada futebolística, aos sábados de tarde. A disciplina é fundamental para haver bom rendimento. Nota-se a falta de chuteiras (usadas), do número 38 ao 43.

**VISITANTES** — Tivemos as visitas de alguns grupos de Amigos. Assim, a 13 de Setembro, sábado, desde as 11h, vieram até nossa Casa, colaboradores e voluntários da Associação de Médicos Dentistas *Mundo a Sorrir*, que têm

ajudado na Guiné-Bissau. Conheceram melhor a nossa vida e história e, depois, realizaram palestras interessantes sobre saúde oral. No pavilhão houve um bom almoço partilhado. Por fim, plantaram-se árvores e despediram-se em ambiente de amizade e alegria! A 20 de Setembro, sábado, pelas 15h, recebemos a visita de jovens da Paróquia de Penacova, retribuindo uma deslocação nossa. Trouxeram a sua partilha e ajudaram a preparar uma boa merenda. A todos os Amigos e Amigas que nos vão ajudando, o nosso bem-hajam! □

**Tiragem média d'O GAIATO, por edição, no mês de Setembro, 23.200 exemplares**

## REVISTA «A OBRA DA RUA - 50 ANOS EM ANGOLA»

Júlio A. B. Fernandes

Foi em Novembro de 1963, respondendo ao apelo dos Bispos de Angola, concordante com o sentir do Povo e dos responsáveis civis, que a Obra da Rua alargou os seus braços àquelas terras. Partiram a bordo do «Rita Maria» dois Padres — Padre Telmo com destino a Malanje, Padre Manuel António com destino a Benguela — acompanhados de dois grupos de Rapazes, recrutados na Casa do Gaiato de Paço de Sousa, e por Padre Carlos — dando corpo a um desejo de Pai Américo.

Em 1964, na Festa do Santíssimo Nome de Jesus (5 de Janeiro), deu-se a inauguração e bênção da primeira pedra das Casas do Gaiato de Angola, Benguela e Malanje. As vicissitudes da guerra e da nacionalização redundou na entrega destas nossas Casas (1980).

De novo o apelo! O desejo de missão, a fé, a esperança, o regresso — a reconstrução (1992).

Cinquenta anos de histórias na História da Obra da Rua: Notícias d'epoca, crónicas, diários, testemunhos... fazem esta **Revista: A Obra da Rua - 50 anos em Angola** que damos à estampa, para que esta efeméride não passe de raspão.

Os nossos Leitores e Amigos que o queiram, podem-na encomendar. O seu custo?, fica ao critério da *generosidade espontânea de cada um* — tudo concorre para o mesmo *Te Deum Laudamus* deste meio século de vida em África.

Os pedidos devem ser dirigidos à *Casa do Gaiato*, 4560-373 Paço de Sousa, pelo telefone 255752285 ou por e-mail: obradarua@iol.pt. □



## BOA VIAGEM

Padre João

**FAZ** sete anos que a Diocese de Saragoça enviou do seu Presbitério o nosso Padre Rafael em missão para a Obra da Rua, pela boca do seu Bispo D. Manuel Urenha. Recordo o encontro havido então entre nós, Padre Rafael, Padre Eduardo, Padre Carlos e eu. Voámos do Porto até Madrid, um voo de cerca de uma hora. No dia seguinte, de TGV, entre Madrid e Saragoça. O encontro com o Senhor Bispo — um homem de acentuada formação jurídica na área do Direito Canónico — estava agendado previamente e preparado. Fomos recebidos com grata cordialidade, mas sem grande espaço para explicações, acometidas ao nosso Padre Carlos. A grande preocupação do Senhor Bispo era saber os contornos em devia redigir a nomeação; numa palavra: a quem havia de confiar o sacerdote Rafael... Veio então

confiado à Diocese de Malanje e ao seu respectivo Bispo, à altura, Dom Luís Maria, um espanhol, dos «Padres Bascos». Em Malanje o Padre Rafael tem desenvolvido uma bela actividade ao serviço da Casa do Gaiato e da Obra da Rua, em estreita colaboração com o Padre Telmo.

No dia 20 de Setembro, o Padre Rafael voou até Argentina, como ele mesmo o referiu em notícia do Jornal O GAIATO no espaço *Malanje*. A Argentina é o país natal do Papa Francisco — O Papa da maior atenção às periferias; a todas as periferias e assimetrias... Antes de partir, enviei-lhe um e-mail solidarizando-me pessoalmente com a sua disponibilidade, nestes termos: «*Meu caro Padre Rafael. Quem me dera poder ir contigo nessa difícil missão de que estás incumbido... Rezo ao Senhor para*

*que tenha bom resultado, segundo a vontade de Deus, pois 'quem quer o que Deus quer, encontra tudo o que precisa...'. Que Deus te proteja e faça ver os melhores caminhos, a fim de propores uma verdadeira concretização do projecto educativo do Padre Américo, numa linha de fidelidade aos Pobres e à Igreja que a eles é permanentemente enviada pela boca e gestos do Papa Francisco; Que o apelo que te foi confiado, traga novas vocações para servir esta porção da 'vinha do Senhor'.*

Antes de partir, Padre Rafael agradeceu nestes termos: «*Meu caríssimo irmão. Faz sete anos que entrei na Obra da Rua. Hoje, vou dar a conhecer o que para mim tornou-se a minha família. Confio em Deus e na vossa oração. Tu também estarás comigo... Estamos juntos, um grande abraço.*» □

## PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes



## Manchas de esperança

TANTO se fala em crise que nos salta logo à mente e ao coração a situação económico-financeira e os focos de tensão no globo. No entanto, teremos de ir mais fundo e mergulhar no sofrimento do mundo, com os olhos bem abertos para percebermos melhor a *ausência de Deus* nas acções humanas e vermos no clamor de tantas pessoas que padecem o rosto do Crucificado. *A promessa não engana: Deus que sofre é a nossa esperança nos caminhos de Emaús.*

*Quem fecha os ouvidos ao clamor do pobre também clamará, mas sem que lhe respondam.* Este repto é forte. Por isso, é crucial escutarmos a Palavra e termos compaixão pelas dores humanas. Mais, identificarmo-nos com a pobreza naquilo que tem como virtude e lutarmos contra ela no que tem de injustiça. Na verdade, existe um vínculo entre os pobres e a nossa fé.

O início do ano escolar apertava-nos com mil e uma coisas, quais angústias próprias de uma comunidade e numa sociedade depressiva, com idades e filhos tão diferentes e carentes, até de regras. E pelas suas proveniências e outros clamores, adentramo-nos outra vez em terrenos pedregosos nas periferias, de excluídos. Eram encontros inadiáveis, em cujos lares faltam bens de primeira necessidade e uma família

estável. Na maioria das situações, as mães demonstram-se como o núcleo agregador da prole, quais galinhas com os pintainhos debaixo das suas asas. Não é heresia dizer que são sinal bem expressivo do amor de Deus no mundo. Perverter esta marca genética e de relação ao Criador será um passo em falso para o abismo civilizacional.

Tivemos, pois, de fazer outra peregrinação, em dia de chuva tão intensa que apelava à barca onde os discípulos de Jesus foram fustigados por uma tempestade. Afinal, o Mestre não dormia, nem dorme, quando alguém sofre. Numa cela de detenção na Albânia, ficou em relevo uma Cruz, sinal visível das perseguições e martírios. Na Europa e no Ocidente e não só, Deus vai parecendo um *estranho*, enquanto os fundamentalismos vão provocando mais mártires. Uma vítima do nazismo, Bonhoeffer também testemunhou na carne que *só o Deus que sofre pode ajudar-nos*. O Crucificado, débil, foi expulso do mundo ou quem riscá-lo nas sociedades poderosas e prepotentes?

Uma mão cheia de visitas encheu-nos de coragem e preencheu-nos uma Quinta-feira, de paixão. Fomos pelas margens, embora sabíamos que em *caixas de fósforos* e outros becos há muita gente só. Uma mãe vai sair de um cubículo alugado e pede ajuda para o seu

filhito enfermo. Entretanto, alguma esperança tinha chegado a um lar frágil, carente de afecto paterno e de géneros, pois havia notícia de quem emigrou e deixou os pequenos ao colo da mãe. E não há duas sem três, pois outra não tem podido aviar os medicamentos para a sua filha, com doença crónica.

Foram mesmo uma introdução não teórica, em sítios diversos, para duas manchas de misérias. Desta vez, calcorreámos mais a preceito carreiros e atalhos com barracas de tijolo e tábuas, algumas delas já derribadas. Temos mesmo de dizer que sentimos alegria na esperança daquelas crianças! Seria bom que o realojamento daquela gente não os fizesse perder as saudáveis vizinhanças e andanças culturais próprias. Como as ruas são de terra batida e sem sinalização, foram precisos intermediários para chegarmos a dois abrigos. Ao cimo da rua principal, numa toca escura, encontrámos o refúgio do pai de um rapazito que tem sido possível ajudar a crescer entre nós. Entrámos num cubículo escuro e com poucos recursos que nos preparou para o derradeiro presépio, pois descemos até um recôndito *currel*, salvo seja, acanhado e cinzento, onde Jesus gostaria de ver a luz.

Como os pobres nunca nos fecham as portas, essa toca não foi excepção. Uma mãe solteira e franzina mostrou tamanha ternura pelo seu menino. Será que a pobreza material é motivo para *se evaporarem* os filhos, sem retorno? Contámos nesse metro quadrado mais meia dezena de cachopitos, enquanto o mais espigado cosia habilmente um par de calças, enquanto sua mãe tinha saído por eles. A velar temporariamente pela pequenada uma mulher há longo tempo emigrada e debilitada. Os pequeninos deliraram com as *blachas!* Um mergulho desta marca, com chuva a potes, é tão necessário para que a fome e sede de justiça sejam saciadas. Na despedida emotiva, os garotitos pegaram em pistolas de pau, como que a guardar-nos a ribanceira de regresso. E, por fim, fomos a outra mancha, para não perdermos o lugar do tugúrio e o sinal da mãe do benjamim, cujo ventre dilatado quer sofregamente encher e depois dar uns chutos na sua bola furada.

Se deixarmos os cantinhos dos pobres e padecentes, ficamos mais pobres e até nas nuvens. De que lado Se pôs Jesus na Galileia? Como Pobre de Nazaré ouvia e curava *os últimos*, a quem chamou *os primeiros*. No vazio deste tempo, pressente-se mesmo uma crise de Deus, de respeito pelo Seu rosto e rostos de paixão. □

## BENGUELA

Padre Manuel António

Continuação da página 1

que frequentava, antes da sua queda. O amor tem uma força tão grande que nos leva a dar tudo o que podemos para salvar a pessoa amada. Não devemos ter medo de amar, por causa do sofrimento que nos traz, muitas vezes. Partilhámos convosco, deste modo, a nossa vida, porque, sem a vossa ajuda, não podemos salvar os que estão prostrados, abandonados.

Há dias, fui à Alfândega do Lobito pedir emprego para dois rapazes. O problema da autonomia destes filhos, com a saída consequente da Casa do Gaiato para dar lugar aos pequenos da rua que

batem à porta para serem acolhidos, tem a solução num emprego que lhes garanta dignidade. Estes dois filhos frequentam a Universidade. A Alfândega abriu concurso para admissão de pessoal. Daí o pedido para se inscreverem. Na conversa pessoal com a Senhora Directora era visível o seu amor e carinho para com este tipo de candidatos. Há mais dois rapazes nossos ligados ao sector da Alfândega. Um deles, já terminou o seu curso superior na Faculdade de Direito. Está a viver com sua família fora da Casa do Gaiato. O outro filho, já é funcionário da Alfândega, há vários anos, casado e bom trabalhador. A senhora Directora ficou encantada

e surpreendida, quando lhe dei a notícia de que o seu funcionário, Eng.º Zacarias, foi criado na Casa do Gaiato de Benguela também. O seu amor para com estes filhos cresceu e tudo prometeu fazer para o bom êxito deste empreendimento. Vamos continuar a trabalhar com a confiança gerada pela experiência do amor, que alimenta, sem dúvida, a nossa Esperança. Quem ama, de verdade, não espera mais nada senão a felicidade da pessoa amada. Dêmos as mãos, segurando nelas o nosso coração. Com um beijinho dos filhos mais pequeninos da Casa do Gaiato de Benguela para todos vós. □

## SETÚBAL

Padre Acílio

## A nossa vindima

FOI no dia 15 de Setembro, feriado municipal em Setúbal e uma segunda-feira. A empresa que nos compra as uvas, passou pela propriedade para observar a maturação dos cachos e rejeitou-os. Achou que a doçura dos frutos não corresponderia ao grau de qualidade do seu moscatel que há pouco tempo, em concurso internacional, foi classificado como *melhor do mundo!*

Entendemos perfeitamente e aceitámos, de coração aberto, a recusa apresentada, pois é gente nossa amiga que, desde a fundação desta Casa, nos tem ajudado sem cansaço.

Há muitos anos que não fazíamos vinho e as nossas refeições são acompanhadas, quase sempre, na minha mesa, com um copo de tinto, que a empresa nos dá!

Quantos anos nos comprou as uvas, pagou-as e nos deu vinho, quer para a mesa, quer para a cozinha?! Quantos?!

A nossa vinha tem 370 metros de comprimento com 19 carreiras de cepas ainda jovens.

Organizámos, então, 19 grupos, cada um na sua fileira, com tesouras, vasilhas de plástico e um chefe em cada equipa.

A manhã estava um pouco nevoeirenta, mas era preciso acabar antes que despertasse o calor.

O tractor, com seu atrelado, carregava as caixas e os alguidares cheios, sem os despejar.

Na adegas montou-se, por cima da cuba, um moinho emprestado, e um grupo de Rapazes, mais velhos e mais fortes, despejava as uvas na gamela do moinho, que tocado à mão, esmagava as uvas e devolvia, de imediato, os recipientes vazios, pondo-os no reboque do tractor que andou numa roda-viva, a carregar e descarregar o precioso fruto das videiras.

Poucas vezes tenho saboreado tão elevada alegria dos Rapazes no trabalho!

Às 11 horas a vindima estava acabada. Tudo carregado. E a malta veio fazer festa no cimo do reboque, pois a vinha fica fora de portas a uma distância de 400 metros da quinta.

Os mais pequenos entraram, esbaforidos, pela adega dentro e o Vasco pôs-lhes duas caixas, uma em cima da outra, para verem o sumo a escorrer do moinho e o bagaço a ser espalhado, com forquilha, por todo o lagar.

Expliquei-lhes que o vinho iria ferver, isto é, que o lagar iria comparar-se a uma panela em abolição, para transformar o açúcar das uvas em álcool.

Comprámos duas vasilhas de plástico de 240 litros cada e o Rodrigues emprestou-nos mais quatro.

Pela curiosidade dos rapazes, pelo júbilo da vindima e do vinho novo, eu bendisse a Deus por termos plantado uma vinha nova.

Quando amanhã lhes perguntarem o que é o vinho, todos saberão responder, pois ficaram a saber, pela experiência que conduz à sabedoria, que o vinho é feito de uvas, fruto das videiras.

Agora, o vinho trasfegado, continua a espumar nas vasilhas cheias. Vão deitando algum fora, o Rodrigues vai acrescentando e eles vão sentindo o cheiro característico do mosto e o que é o vinho.

Quando lerem a Bíblia e os Evangelhos, onde as vinhas e as cepas são exemplos vivos dos Mistérios da Fé anunciados pelos Profetas e pelo próprio Filho de Deus, entenderão correctamente o significado das imagens escritas e proclamadas.

Quase dou graças a Deus pela rejeição das nossas uvas, que nos proporcionou momentos tão deliciosos!

Armámos a vinha com ripas de cimento, tiradas da renovação do nosso telhado. Tudo foi aproveitado e um dos senãos apontado pelo vinhateiro, é que a vinha, assim disposta, nunca poderia ser vindimada mecanicamente.

Nem eu queria. Prefiro proporcionar aos Rapazes ocasiões de festa no trabalho, como diz o salmista: «*À ida, vão a chorar, carregando as sementes. À volta, vêm a cantar, trazendo os molhos de espigas!*».

## Incongruências

NÃO é a primeira vez que o Padre Telmo me vem pedir a compra de um atum, para levar num contentor destinado a Malanje, para matar a fome aos pobres angolanos.

Não é a primeira vez. Já foram muitas! Os pobres não se tornaram independentes, não senhor. E... são legiões.

As jogadas políticas revertem sempre em favor dos grandes e poderosos, os quais crescem cada vez mais, sem se saciarem.

Se não fosse saber que os grandes apartamentos de luxo do Estoril são propriedade de gente angolana e que os seus investimentos em Portugal começam a ter peso na economia portuguesa, não me magoaria!

Como sempre, o que vai de Portugal para Angola, é fruto de migalhinhas poupadas com grande sacrifício e, por amor ao *Pobre*, que está em todo o mundo em cada pobre!

Tenho insistido com os nossos Padres que estão naquele País, ser necessário pregar e pedir nas igrejas, propagar O GAIATO e apresentarem-se ousadamente aos *grandes senhores*. Sim. Também por amor deles, pois quando chegar a hora derradeira, nada levarão deste mundo, além das boas obras que fizerem. Nada lhes valerá o dinheiro, o ouro, os diamantes, as propriedades e empresas, todo o fausto de que se rodeiam e até as estátuas a perpetuar a sua memória neste mundo! □

## MALANJE

Padre Rafael

ORLANDO levantou-se e começou a ler as normas que deveriam ser respeitadas na camarata: «Manter limpa a camarata, ajudarmo-nos sempre que alguém tenha um problema, não dormir fora da camarata, respeitar o chefe, cumprir todas as normas decididas por todos...».

Há uma semana, o chefe Jacinto chamou a atenção a todos os habitantes da casa dos mais velhos, porque diziam que os chefes de camarata abusavam da autoridade. A verdade é que, sendo os mais crescidos da Aldeia, muitas vezes não limpam bem os lugares comunitários, como: a sala, o quarto-de-banho, as escadas — e os chefes cansados destas atitudes, começaram a dar castigos mais severos.

Decidimos dedicar o Domingo para fazer uma reflexão sobre o tema da autoridade. Em primeiro lugar, dialogámos sobre as causas

da desobediência aos chefes e as consequências da mesma. Depois de estarmos de comum acordo, trabalhamos sobre o sentido da autoridade: os Rapazes escolhem os chefes que governam a Casa e se põem ao serviço do bem comum. Finalmente, terminámos com o propósito de escrever uma carta aos chefes, explicando-lhes como crêem tenham de comportar-se como chefes e elaborámos um conjunto de dez normas para serem respeitadas nas camaratas... — Estas últimas foram as lidas por Orlando.

Yuri é o encarregado da primeira das sete hortas que temos este ano. Os produtos variam, desde abóbora, cebola, tomate, repolho. Por exemplo, tem 1.410 pés de pimentos e já colheu, este ano, 15 quilos. Ontem mesmo vinha com duas bandejas de tomate com 20 quilos. Ele aponta num papel desde o dia em que plantou até ao dia que vai colhendo em

cada semana. Todos os dias dedica duas horas ao seu trabalho. Hoje foi ajudar o Guerrito, que tem de tirar as ervas às beterrabas.

Há dias, comemos creme de abóbora. Há uma empresa que as cultiva em estufas e nos deu parte delas que não conseguiu vender. O cozinheiro foi Ti-toy com a ajuda do pai. Também não faz muito tempo que comemos banana de sobremesa — tudo graças ao nosso falecido «Barrigas», que deixou a nossa Aldeia cheia de bananeiras.

Na verdade, este mês está a ser uma alegria no refeitório: Eles cultivam, eles colhem, eles cozinham, eles preparam a mesa, eles comem... Quando é feito por eles, tudo tem outro sabor. Há anos, eu tinha que fazer tudo, quando eles não sabiam fazer bem. Agora, espero que sejam eles a fazê-lo, deixando-me de lado. Entre fazer porque me mandam ou fazer por convencimento, há um infinito — e só o amor e a confiança podem estreitá-los. □

## VINDE VER!

Padre Quim

## Obra providencial

SOMOS uma Casa de trabalho, não no sentido de entidade empregadora como a sociedade está acostumada a utilizar tal expressão, revestida de anúncios publicitários. O *marketing* não encontra saída nem sucesso junto dos pobres. A publicidade não perde tempo com a causa dos mais carenciados de direitos fundamentais. A criança abandonada vive a mais dura experiência existencial, por não ter garras para se defender e prover de quanto lhe faz falta para viver. Repetidas vezes emprego este «somos», porque não são poucos os que desconhecem o nosso padrão de vida.

Veio aqui um homem, certamente aconselhado pela vizinhança, com o desejo de deixar um pequeno. Filho seu, e por andar a trabalhar muito e a mãe também não ter tempo para educar o rapaz, chegando a adolescência tornou-se o tormento dos pais. Nós não somos vocacionados para tirar os filhos dos pais quando estes os atormentam. Somos para os que não perderam o gosto de serem filhos depois de terem sido abandonados. E o homem continuou: «Eles disseram que era um colégio» e que estava disposto a depositar, no fim do mês, para pagar as despesas.

A Obra da Rua não foi criada nem se destina a Rapazes desta natureza. «Um colégio», pedia para o menino ficar.

A informação certa é o primeiro passo para trilhar os meandros da educação e da formação sólida para fazer o homem de amanhã. Ela desfaz os erros da ignorância.

O ser desta Obra ainda é desconhecido pela vizinhança. A gente nova do povo não está informada. É «um colégio».

O jornal O GAIATO não chega às suas mãos. E como conhecer o seu ser? Se é bem verdade que «os ignorantes não pecam», aqui temos um facto e um inocente do

recado que trazia. Ora, aqui está mais um... Eles a levarem o jornal aos estabelecimentos comerciais, às escolas, aos estabelecimentos sociais. À porta das Igrejas. À beira-mar quando aos Domingos se vai à praia. Lá há gente que quando os vê não sabe onde é este grupo e pensa na multidão. Eles, eles, eles... somos a família em primeiro lugar. Não geramos postos para assalariados.

O estipêndio não é a nossa menina dos olhos. Trabalhamos para fazer homens de amanhã. O que mais necessita a nossa Nação não é de construtores de prédios e de cidades satélites, quando a maioria não tem o pão de cada dia e tecto onde reclinar a cabeça com dignidade de filhos desta Pátria.

Não queremos ciência sem humanidade. Eis o incêndio disruptivo da caridade que encandeia as misérias sociais camufladas. O óbolo não pode ser muito grande, havendo poucos corações mergulhados na revolução do bem e da verdade.

O assombrado disto vem ressoando aos arredores: «Aqui não há lugar para vadios» e do órfão abandonado à sua sorte infeliz — menos à nossa porta aberta, onde é

acolhido, assistido e educado. E ao entrar por ela, o garoto não conhece mais as tempestuosas aventuras da rua, nem se acomoda, cá dentro, à sombra do fazer da criadagem. Não! Nem vadiagem nem comodismo. Não temos criados.

A construção do homem faz-se com a participação do mesmo. Sim, eles a fazer o caldo, a pôr a mesa a varrer, a cuidar de si e dos outros. Eles no jardim. A mestra é a vida. A natureza é auxiliadora sempre pronta para sarar as enfermidades da criança. O Evangelho é a regra do amor. Esta experiência, mais a formação espiritual na vida comunitária fazem o milagre acontecer.

Nesta simplicidade metódica esconde-se o segredo para educar homens novos. É a cooperação que podem prestar as grandes obras sociais de formação cristã ao nosso pobre mundo. Não há escola mais eficiente na arte de ensinar e aprender o bem e o belo. O maior e o mais autêntico dos revolucionários, ao passar por este mundo na sua missão, fez do amor a sua arma de combate e alcançou vitoriosamente a glória sobre os maiores inimigos da humanidade. □

## MOÇAMBIQUE

Padre Zé Maria

Continuação da página 1

de barracas nas grandes cidades em desenvolvimento. Já tínhamos nós construído muitas casas em alvenaria com quatro cômodos, modestas sem dúvida, quando ouvimos um Governador de Província dizer que não iria permitir mais casas em materiais locais. Agora, ou já não é ou cala-se. E quantas crianças em Escolas assim e quantas à sombra dos cajueiros. Os grandes projectos estão a concorrer para o orçamento do Estado com menos que os pobres comerciantes de rua, de passeios atulhados e jovens a estender a mão a quem passa, para vender alguma coisa. Parece mais uma cidade de pedintes, esta que se diz princesa do Índico. Pobre Moçambique de grandes recursos minerais. O que vai ser quando a terra se desentranhar em riquezas e os seus filhos a serem afastados para onde faltam recursos, que se outros houver andarão perdidos, de trouxa às costas naquilo que é seu. Já aparecem vozes a reclamar — e quem as ouve? □

## PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

ESTAMOS empenhados em reconstruir o telhado de um prédio antigo onde dois dos nossos têm o seu andar.

Com a cobertura velha e rota, todas as habitações sofrem.

Uma octogenária, viúva, a morar o último piso, tem amargado as piores consequências: - Olhe que até na cama, me cai água.

O imóvel não tinha condomínio organizado, mas os moradores, gente humilde e de fracos recursos, ficaram contentes com a sua constituição e dispuseram-se a colaborar; sendo logo eleitos para a administração um homem e uma senhora.

Passa de mil euros, a cada morador, a reconstrução do telhado.

O *Património* dispôs-se a comprar o material e a colaborar com a octogenária viúva no pagamento da sua quota, bem como a adiantar dinheiro, a ser reembolsado pela administração, para que a obra andasse rapidamente, já que a chuva ameaça a sério.

A organização do condomínio foi constituída por um gaiato antigo, viúvo e reformado, com os filhos arrumados e a singrar na vida dignamente. Esclareceu os moradores sobre o benefício do condomínio e a sua obrigação legal. Convocou os condóminos, elucidou-os e redigiu uma acta, por todos assinada, já com as despesas da cobertura.

Uma boa acção que louva a Deus, honra a Casa do Gaiato e aumenta a dignidade de quem a promoveu.

\* \* \*

Eram duas horas da tarde. Ao chegar a Casa, vi uma senhora sentada à porta da cozinha onde o sol batia em cheio. Usava óculos escuros e roupa do mesmo tom.

— *O senhor é que é o padre?*

— *Sou, mas tem de esperar.*

— *Sim, espero.*

Cuidar do físico é uma necessidade óbvia para pessoas da minha idade. Vinha mesmo com vontade de comer. Eram mais que horas.

— *Tem de esperar.*

Após a refeição, aproximei-me. Ela tirou os óculos e pôs-se logo a chorar. Transparecia dignidade e impotência.

— *Venha cá!* — E entrou comigo para o escritório.

Sentámo-nos, em frente um do outro, e ela começou a desfiar as suas dores e incapacidades, enquanto tentava suster as lágrimas, limpando os olhos com as costas das mãos.

— *Moro na Bela Vista. O meu marido morreu repentinamente em Junho passado, com 52 anos. Tenho três filhos e até hoje ainda não recebi nada de ninguém. Nunca pedi. Tenho dentro de mim o sabor de dar. Pedir custa muito.*

— *Olhe, minha senhora, para mim, dar e pedir tem o mesmo sabor. Ainda no primeiro Domingo de Setembro estive em Albufeira a pregar a palavra de Deus e a pedir para os Pobres. Deram-me 1.943€. Não calcula quanto gosto de pedir.*

Tinha dívidas a um Banco. Os Bancos não perdoam. Se não pagamos, começam logo a aumentar os juros. Tanto vale ser viúva, como órfão, casado ou solteira. Os Bancos olham para os números, não para as pessoas.

— *Vá lá, leve este cheque, fale com o responsável e peça-lhe um faseamento até que a Segurança Social desburocratize a ajuda que lhe deve dar.*

Dei-lhe dois mil euros. O alívio e o consolo de uma viúva deve ser muito agradável ao Senhor. Quando viu o cheque, ficou tão descarregada que começou logo a bendizer a Deus!

— *Já almoçou?* — *Eram três horas da tarde.*

— *Não senhor. Vim a pé de manhã e pus-me aqui à sua espera.*

— *Então, vá almoçar.*

Mande-i entrar para a salinha das senhoras, onde uma delas, acumulou o conforto não só com a comida mas, sobretudo, com ouvi-la. Arranjou-lhe, a seguir, um bom avio e eu levei-a à sua casa.

— *Olhe, agora desenrasque-se. Com dinheiro, não conte mais; com comida, pode voltar quando tiver necessidade.*

\* \* \*

É um estudante angolano. Já o ano passado lhe havia pago as propinas do ano transacto. Propunha-se a tirar um curso de jornalismo para combater a corrupção no seu País.

— *Oh! homem, não sonhe! Tire um curso que lhe garanta um emprego e dignidade em Angola e, depois, poderá então fazer algo pela verdade e pela justiça na sua terra.*

Está a fazer engenharia no Politécnico de Setúbal. Vive numa barraca e come na Caritas.

— *Quero trabalho!... Mas onde?*

Foram quase mil euros, em cheque passado ao Politécnico, para que o homem pudesse matricular-se no ano corrente.

Um curso tirado assim, com tantas dificuldades, tem de resultar!

Ajudar um homem destes é prestar culto a Deus, debater-se pela verdade e pelo bem e tentar construir um amanhã menos sofrido. □